

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum
Sexta Maior
Pequeno Auditório
21h00
M/6

16 fev
2024

Schostakovich e Estaline
**DSCH – Schostakovich
Ensemble**



Programa

Dmitri Schostakovich (1906-1975)

Trio n.º 1, *Poème*, op. 8 (1923)

Sonata para Violoncelo e Piano, op. 40 (1934)

Allegro non troppo

Allegro

Largo

Allegro

5 Peças para dois Violinos e Piano (1933-55)

Prelúdio

Gavota

Elegia

A Valsa

Polka

(arranjo de Lev Atovmian)

INTERVALO

Dmitri Schostakovich

Quinteto para Piano, dois Violinos, Viola e Violoncelo, op. 57 (1940)

Prelude: Lento - Poco più mosso - Lento

Fugue: Adagio

Scherzo: Allegretto

Intermezzo: Lento

Finale: Allegretto

DSCH – Schostakovich Ensemble

Piano e direção artística **Filipe Pinto-Ribeiro**

Violinos **Boris Brovstyn** e **Alexandra Raikhlina**

Viola **Jennifer Stumm**

Violoncelo **Adrian Brendel**



Schostakovich e Estaline

Nascido em 1906 em São Petersburgo e falecido em 1975 em Moscovo, Dmitri Schostakovich, considerado um dos mais relevantes compositores do século XX, teve um relacionamento com as autoridades soviéticas bastante complexo, e por vezes dramático, sobretudo na época em que a feroz ditadura de Estaline atacou as artes — incluindo a de Schostakovich — que considerava desalinhasadas com a sua visão nacionalista.

Durante a sua vida, Schostakovich escreveu música em protesto implícito ao domínio soviético, assim como obras intensamente nacionalistas, navegando numa vida dupla entre a liberdade artística e a repressão.

Que sabemos sobre a sua vida? Que foi cheia, agitada, passada sob constante escrutínio público e sem abrandamento criativo até ao final. O que alguns amigos e membros da sua família conseguiram vivenciar foi a imagem do cidadão comprometido com a sua responsabilidade cívica, mas, acima de tudo, do criador comprometido e dedicado como poucos à sua arte.

A receção póstuma a Schostakovich e à sua música, para além do reconhecimento do seu valor artístico, tornou-se um assunto de fascínio interminável para músicos, musicólogos, jornalistas e público em geral. Grandes debates ocorrem ainda hoje sobre o conteúdo extramusical do seu legado criativo, destacando-se o cunho autobiográfico que Schostakovich colocou explicitamente em algumas obras, como, por exemplo, no 8.º Quarteto de Cordas ou na 10.^a Sinfonia.

Na juventude de Schostakovich, aquando dos primeiros anos da Revolução, as suas tendências foram inspiradas pelo ímpeto criativo fomentado por Anatóli Lunatcharski e, embora não se tenha conhecimento de militância ativa, há relatos de que compôs e se apresentou em várias ocasiões, direta ou indiretamente, comemorativas do espírito da Revolução.

Escreveu a sua primeira obra de música de câmara em 1923, com 17 anos, ainda aluno do Conservatório de Retrogrado (antiga São Petersburgo): o **Trio n.º 1 opus 8**, também intitulado **Poema**. Frequentava então duas faculdades – piano e composição – e trabalhava ainda como pianista acompanhador de filmes mudos,

devido a uma precária situação financeira após a morte do seu pai, em 1922. A gênese desta obra de juventude, que impressiona pela grande qualidade técnica e expressividade, está relacionada com circunstâncias pessoais: o Trio é dedicado a Tatiana Glivenko, que conheceu na Crimeia no verão de 1923 e com quem manteve a sua primeira e intensa relação amorosa, até 1929.

Apesar do seu eventual alinhamento inicial com o caminho da Revolução, Schostakovich recebeu o primeiro aviso da *nomenklatura* em 1930, altura em que o regime endureceu o seu cerco aos artistas e Estaline completava o seu projeto de tomada do poder absoluto com a eliminação de vozes dissidentes. Foi logo após a estreia da ópera *O Nariz*, inspirada no conto homónimo de Nikolai Gógol, que a poderosa Associação Russa de Músicos Proletários denunciou na ópera de Schostakovich perigosas tendências «formalistas».

Em 1934, Schostakovich compôs a **Sonata para Violoncelo e Piano opus 40**, quando estava envolvido num caso amoroso com a tradutora Elena Konstantinovskaya. A estreia deu-se a 25 de dezembro de 1934, na Filarmonia de Leninegrado, com o compositor ao piano e acompanhado ao violoncelo pelo seu amigo Viktor Kubatsky, a quem a obra foi dedicada. Entre os quatro andamentos desta obra-prima de grande fluência e inspiração, destaca-se o *Largo*, coração expressivo da obra e bela meditação lírica que se pode considerar um dos seus primeiros monólogos *pushkinianos*.

Grande parte da música da suite de **5 Peças para dois Violinos e Piano** data igualmente dos meados dos anos 1930. Arranjada para esta formação pelo seu amigo Lev Atovmian, trata-se de um excelente exemplo da versatilidade criativa de Schostakovich, ao compor música para cinema, bailado, teatro e até para desenhos animados. A segunda e a terceira peças – *Gavota* e *Elegia* – foram escritas em 1933-1934 para o espetáculo de teatro *A Comédia Humana*. A quarta, *Valsa*, foi composta no mesmo período para os desenhos animados *A História do Padre e Seu Criado Balda* e a brilhante *Polka* final faz parte da música para o bailado *O Riacho Límpido* de 1934-1935. Composto 20 anos mais tarde, o inspirado *Prelúdio* que abre esta suite pertence à banda sonora composta por Schostakovich para o célebre filme soviético *O Moscardo*, de 1955.

Foi também em meados dos anos 1930, mais precisamente em janeiro de 1936, que Estaline, então no auge de seu poder, foi ouvir

a segunda ópera de Shostakovich, *Lady Macbeth de Mtsensk*, que havia estreado com grande sucesso em São Petersburgo, em 1934, seguido por um verdadeiro triunfo em Moscou, com mais de noventa récitas. Apesar da forte caricatura das personagens «burguesas» e da profissão de fé nos valores soviéticos feita por Schostakovich na introdução ao libreto, há relatos que afirmam que Estaline não ficou nada satisfeito com o que ouviu e que abandonou o teatro antes do final, mesmo com o autor presente na sala. Dois dias depois, o Pravda, o órgão oficial do partido e do Estado, criticou duramente a ópera e classificou a música de Schostakovich de «cacofonia musical», advertindo que «brinca-se com o hermetismo, mas a brincadeira pode acabar mal».

Apesar do cerco se apertar, Schostakovich continuou a compor e data de 1940 o seu **Quinteto opus 57** que, combinando introspecção ascética com fantasia e otimismo, demonstra que a sua alegria de viver não tinha desaparecido. A obra foi imediatamente reconhecida pela sua extraordinária qualidade, tendo valido a Schostakovich, em 1941, nada mais nada menos do que o Prémio Estaline. O próprio Schostakovich considerava o Quinteto opus 57 uma das suas obras favoritas e interpretou-o em mais de 70 concertos.

Durante a 2.^a Grande Guerra, Schostakovich foi visto como um símbolo da resistência ao invasor e fez-se fotografar com o capacete de bombeiros, em cujo corpo se tinha alistado, tendo composto as sétima e oitava sinfonias com um programa patriótico. Mas a sua Nona Sinfonia, estreada em finais de 1945, após o final da guerra, esteve longe de agradar ao gosto musical e ideológico de Estaline e fê-lo perder a esperança de Schostakovich se tornar o compositor do regime. Apesar disso, continuou sempre a compor e, em 1947, foi eleito presidente da União de Compositores e depois deputado ao Soviete Supremo. Mas o cerco apertou-se ainda mais em fevereiro de 1948, com a publicação do Decreto sobre a Música e, em abril, a União convocou um congresso para discutir a música «formalista». Schostakovich não pretendia estar presente, mas os seus pares obrigaram-no a ler uma declaração humilhante de autocrítica, que reconhecia a sua condição de compositor «desalinhado» com ideologia soviética, prometendo o regresso à «via justa». Nesse tempo, vivia em permanente estado de terror e, durante a noite, ia dormir para junto do elevador, de forma a não perturbar a mulher e os filhos se viessem prendê-lo. Se saía,

levava sempre uma pequena mala com uma muda de roupa e chegou a considerar a hipótese de suicídio.

Depois desse congresso de 1948, perdeu todos os seus cargos e foi afastado do ensino, passando a viver, nos arredores de Moscovo, numa *datcha* que nem água canalizada tinha. Assim ficou, hibernado, até à morte de Estaline, em 1953, compondo somente para encomendas circunstanciais. Mas a morte do ditador não representou para ele uma verdadeira libertação, uma vez que Krushev não se contentou com as declarações públicas de lealdade e obrigou-o a aderir ao Partido Comunista como condição para permitir que a sua música fosse de novo ouvida em Moscovo e Leninegrado.

A última década da sua vida foi uma longa caminhada para a morte, cujas etapas ficaram magnificamente vertidas nas derradeiras sinfonias e nos ciclos de canções, tendo-se despedido com a extraordinária Sonata para Viola e Piano *opus* 147, composta em 1975, nos últimos meses de vida, em que reina o lirismo de cariz filosófico e a exploração de novas dimensões de morte e, em oposição, de imortalidade, juntamente com as sempre presentes liberdade criativa e autenticidade de carácter humanista que o acompanharam em toda a sua vida e obra.

Filipe Pinto-Ribeiro

DSCH – Schostakovich Ensemble

Fundado e dirigido pelo pianista Filipe Pinto-Ribeiro, o DSCH – Schostakovich Ensemble é reconhecido como um dos agrupamentos musicais de topo do atual panorama internacional. Sediado em Lisboa desde o início da sua atividade, o Schostakovich Ensemble é um *ensemble* de geometria variável e uma plataforma de encontro e interação de músicos de excelência.

O DSCH – Schostakovich Ensemble deve o seu nome ao célebre compositor russo Dmitri Schostakovich, numa homenagem prestada aquando da celebração do centenário do seu nascimento, em 2006, ano de fundação do *ensemble*. Desde então, o *ensemble* apresentou-se em várias temporadas e festivais, em vários países europeus, nos EUA e na Austrália.

O vasto repertório do DSCH – Schostakovich Ensemble integra obras de diversas épocas e estilos musicais, de Beethoven a Schumann, de Mozart a Messiaen, de Haydn a Webern, de Brahms a Ravel, incluindo compositores contemporâneos, como Sofia Gubaidulina, com a qual o *ensemble* estabeleceu uma estreita colaboração.

Ao longo dos seus mais de 15 anos de existência, o Schostakovich Ensemble tem contado com a participação de muitos dos mais significativos músicos do nosso tempo, como os violinistas Benjamin Schmid, Corey Cerovsek, Esther Hoppe, Liza Ferschtman, Jack Liebeck, Tedi Papavrami, Renaud

Capuçon e Stephan Picard, os violetistas Lars Anders Tomter, Isabel Charisius, Gérard Caussé e Miguel da Silva, os violoncelistas Adrian Brendel, Christian Poltéra, Gary Hoffman, Kyril Zlotnikov e Quirine Viersen, os contrabaixistas Tiago Pinto-Ribeiro, Matthew McDonald e Janne Saksala, as flautistas Emily Beynon, Silvia Careddu e Adriana Ferreira, os oboístas Ramón Ortega e Jonathan Kelly, os clarinetistas Pascal Moragués e Michel Portal, os cantores José van Dam e Anna Samuil e os pianistas Eldar Nebolsin, Rosa Maria Barrantes e Filipe Pinto-Ribeiro, entre outros. Em 2018, instituiu o Prémio de Composição DSCH – Schostakovich Ensemble, destinado a galardoar a obra e a carreira dos principais compositores portugueses. Luís Tinoco, Eurico Carrapatoso e Andreia Pinto Correia foram distinguidos, respetivamente, em 2019, 2021 e 2023. A discografia do DSCH – Schostakovich Ensemble inclui a 1.^a gravação mundial da Integral da Música de Câmara para Piano e Cordas de Schostakovich e os Trios *Opus 11* e *38* de Beethoven (ambos na Paraty/Harmonia Mundi), álbuns aclamados pela imprensa especializada nacional e internacional. O DSCH – Schostakovich Ensemble tem a direção artística de Filipe Pinto-Ribeiro.



© Rita Carmo

Filipe Pinto-Ribeiro

Piano

Filipe Pinto-Ribeiro é considerado um dos mais destacados artistas portugueses das últimas décadas e um dos que mais reconhecimento internacional conquistou enquanto pianista solista, músico de câmara e diretor artístico. Natural do Porto, Filipe diplomou-se e doutorou-se em 2000 no Conservatório Tchaikovsky de Moscovo, onde estudou cinco anos sob a orientação da prestigiada pianista e professora Lyudmila Roschina. Desde então, encetou uma carreira que o tem levado a apresentar-se nas melhores temporadas de concertos e festivais da Europa, América, Ásia e Oceânia. Apelidado «poeta do piano», Filipe Pinto-Ribeiro domina um vasto repertório, assumindo-se como um camaleão musical que se sente tão à vontade na música do romantismo como na do barroco ou na contemporânea, tendo estreado obras de vários compositores. A sua discografia a solo, composta por 5 CD, é exemplo da sua versatilidade e inclui

obras de Bach a Ravel, de Beethoven a Mussorgsky, de Debussy a Prokofiev, incluindo compositores portugueses. Enquanto solista, tocou com as principais orquestras portuguesas e de vários países e, apaixonado pela música de câmara, tem colaborado com muitos dos mais significativos músicos do nosso tempo.

Momento importante no seu percurso foi a criação, em 2006, do DSCH – Schostakovich Ensemble, de que é diretor artístico.

Foi também a partir do DSCH – Schostakovich Ensemble que criou, em Lisboa, em 2015, o Verão Clássico, que se constitui hoje como um importante festival e academia musical. A sua criatividade como diretor artístico e curador tem-no levado a liderar vários projetos ao longo das últimas duas décadas, sendo atualmente diretor artístico do Festival de Música dos Capuchos, do Festival Bragança ClassicFest e curador do Ciclo de Concertos Musical-Mente no Porto.

Apoiante e dinamizador das novas gerações de músicos, Filipe foi professor de Piano durante uma década em universidades portuguesas, orienta frequentemente *masterclasses* e criou, em 2022, o Juventus Ensemble, uma plataforma intergeracional que promove concertos e residências artísticas, juntando músicos consagrados aos melhores jovens talentos emergentes do panorama atual.

Filipe Pinto-Ribeiro é o único pianista português nomeado «Steinway

Artist», uma distinção oficial recebida em 2014 da prestigiada marca de pianos Steinway & Sons.



© Boris Brovtsyn

Boris Brovtsyn

Violino

Boris Brovtsyn é considerado um dos violinistas mais consagrados e versáteis da sua geração. Figura proeminente em palcos internacionais, é frequentemente solicitado tanto como solista como músico de câmara. Já foi convidado a participar no Les Grands Interpretes, em Genebra, e no Spectrum Concerts Berlin, onde tem tocado em todas as temporadas desde 2008. Começou a tocar violino com o seu avô, aluno de Lev Tzeitlin e Abram Yampolsky. Depois de concluída a sua formação no Conservatório Tchaikovsky, em Moscovo, onde estudou com Maya Glezarova, concluiu os seus estudos com David Takeno na Guildhall School of Music and Drama, em Londres, onde foi professor de Violino até 2016. Boris também tocou como solista com grandes orquestras como a Orchestre de la Suisse Romande, Filarmónica

de Londres, Filarmónica de Varsóvia, a Orquestra Real Dinamarquesa, Orquestra Nacional Russa, Berliner Rundfunk, Orquestra Sinfónica de São Paulo, Academy of St. Martin in the Fields e com as Orquestras da BBC, com maestros como Sir Neville Marriner, Vladimir Jurowski, Neeme Järvi, Marek Janowski, Vassili Sinaisky, Yan Pascal Tortelier, Mikhail Jurowski, Gerd Albrecht, Alexander Vedernikov, Michael Sanderling, Arvo Volmer e Antony Wit. No campo da música de câmara tocou com Janine Jansen, Gidon Kremer, Misha Maisky, Kyung-wha Chung, Itamar Golan, Julian Rachlin, Gary Hoffman, Clemens Hagen, Maxim Rysanov, Daishin Kashimoto, Martin Fröst, Nelson Goerner e Denis Matsuev, em festivais como Verbier, Edinburgh, Salzburg, Stavanger, Campos do Jordão, Annecy, Utrecht, Jerusalem, Moscow's December Nights e no Enescu Festival em Bucareste. Com uma extensa carreira discográfica, gravou para editoras como a Decca, BIS, Onyx e Naxos. A sua gravação de obras de música de câmara de Schubert e Schoenberg, com Janine Jansen, venceu o prémio ECHO Klassik e o Quinteto com Clarinete de Brahms com Martin Fröst foi nomeado para o prémio Gramophone. O seu CD de sonatas para violino solo de Ysaye, lançado em 2018, recebeu excelentes críticas. Boris Brovtsyn é professor de Violino na Universidade de Música e Artes, em Viena, e na Yehudi Menuhin School, no Reino Unido.



© Nick Posner

Alexandra Raikhlina

Violino

Alexandra Raikhlina nasceu em Moscovo e, com sete anos, mudou-se para a Bélgica. Aos 13 anos, foi laureada no concurso «Charles de Bériot» na Bélgica, antes de ingressar na Yehudi Menuhin School, no Reino Unido, onde estudou com Natalia Boyarsky. Mais tarde, recebe uma bolsa para estudar na Guildhall School of Music and Drama, com David Takeno e Krzysztof Szustak. Raikhlina foi bolsista de instituições como a Craxton Foundation, Martin Scholarship Foundation e a London Symphony Orchestra String Scheme Experience. A extensa carreira como solista e com grupos de música de câmara levou-a a apresentar-se em diversos locais como na Bélgica, Reino Unido, Suíça, Rússia, Grécia e Hong Kong, em importantes salas de espetáculo como Wigmore Hall, Barbican Hall, Queen Elizabeth Hall, Fairfield Halls e Sage Gateshead. Apresentou-se como solista com a Orquestra Sinfónica de Londres, Royal Northern Sinfonia, Orquestra

Sinfónica de Epsom e Orquestra Sinfónica de Richmond. Também já colaborou com orquestras como a Orquestra Filarmónica de Bruxelas, Manchester Camerata, Britten Sinfonia e Orquestra Sinfónica da Cidade de Birmingham. Participou em vários festivais, incluindo os festivais de Gstaad, Paxos, Oxford Lieder Festival, Free Thinking Festival da BBC Radio 3, Oxford May Music Festival, Highgate International Chamber Music Festival e Northern Chords Festival. Atualmente, Alexandra Raikhlina ocupa a posição de 1.º Concertino Auxiliar na Royal Northern Sinfonia e é diretora artística do Brundibár Arts Festival, em Newcastle.



© Rodrigo Rosenthal

Jennifer Stumm

Viola

Uma das mais requisitadas violetistas da atualidade, Jennifer Stumm apresenta-se regularmente nos mais importantes palcos internacionais, como o Carnegie Hall, a Berliner Philharmonie, o Kennedy Center e o Concertgebouw de Amsterdão. É vencedora de vários concursos,

entre os quais destacam-se o William Primrose, Genebra e Concert Artist Guild competitions (foi a primeira violetista a ganhar este prémio). Jennifer é a fundadora e diretora do Festival Ilumina, um projeto artístico e de equidade social em São Paulo que ascendeu rapidamente a um patamar de proeminência, tornando-se um modelo moderno para a criatividade do século XXI e uma plataforma de apresentação de talento diversificado. Jennifer lançou dois aclamados álbuns a solo. O seu CD de estreia para a série de laureados da editora Naxos contou com obras do compositor e violetista italiano Alessandro Rolla e foi aclamado como «uma demonstração absolutamente fenomenal de virtuosismo na viola» (*The New Recordings*). O seu álbum seguinte foi dedicado à obra *Harold em Itália* de Berlioz, que apresentou numa encenação única em cerca de 50 ocasiões. Vencedora dos prémios BBC New Generation Artist e Borletti Buitoni Trust, pela sua atividade em música de câmara, Jennifer apresentou-se em diversos festivais de topo, tais como Verbier, Marlboro, Stavanger, Spoleto, Aldeburgh, Delft e IMS Prussia Cove e toca regularmente na temporada Spectrum Concerts Berlin e em trio com o violoncelista Jens-Peter Maintz e com o violinista Kolja Blacher. Natural de Atlanta, EUA, Jennifer ouviu a viola pela primeira vez com oito anos e, encantada pelo seu som, começou a tocar na orquestra da sua escola. Estudou com Karen Tuttle no Curtis Institute

of Music e na Juilliard School, em Nova Iorque, com Nobuko Imai em Amsterdão, bem como com Steven Isserlis no IMS Prussia Cove, seguindo paralelamente os estudos em política na Universidade de Pennsylvania. Jennifer toca uma viola de Gasparo da Salò, de 1589, cedida para seu uso exclusivo por uma fundação privada. Jennifer Stumm é professora de Viola na Universidade de Música e Artes de Viena, é detentora da Cátedra Internacional de Estudos de Viola da Royal College of Music, em Londres, e orienta regularmente *masterclasses* por todo o mundo.



© Jack Liebeck.

Adrian Brendel

Violoncelo

Solista, músico de câmara, professor e violoncelista, Adrian Brendel destaca-se pela sua versatilidade e originalidade. Estudou com personalidades como William Pleeth, Alexander Baillie, Frans Helmerson e, mais tarde, com György Kurtág e membros do famoso quarteto Alban Berg, além dos ensinamentos que recebeu do seu pai, Alfred Brendel.

É membro do Nash Ensemble e toca regularmente com músicos como Henning Kraggerud, Lisa Batiashvili, Imogen Cooper, Till Fellner, Tim Horton e Kit Armstrong. O seu repertório inclui com frequência música do nosso tempo, fruto de projetos que desenvolveu com compositores como György Kurtág, Thomas Adès ou Peter Eötvös. Adrian Brendel é convidado habitual dos mais prestigiados festivais internacionais como Aldeburgh, Cheltenham, Verbier, Ernen, Salzburg, Sonoro, Enescu, Schubertiade e Ruhr, entre outros. Apresenta-se como solista com algumas das principais orquestras europeias, em importantes temporadas de concertos, em salas como o Wigmore Hall em Londres, Berlin Philharmonie, Vienna Musikverein e Amsterdam Concertgebouw, entre outras.

Adrian Brendel foi diretor artístico do Plush Festival, em Dorset, no Reino Unido. A programação do festival é, normalmente, dedicada à música de câmara do classicismo à modernidade, *Lieder*, recitais, jazz moderno, música tradicional e *world music*. Da sua discografia, destaca-se a gravação das sonatas para violoncelo e piano de Beethoven junto com o seu pai (Philips/2004), música de câmara de Sir Harrison Birtwistle (ECM/2014), e, com o DSCH – Schostakovich Ensemble, a integral da obra para piano e cordas de Schostakovich (Paraty-Harmonia Mundi/2018) e Trios de Beethoven (Paraty-Harmonia Mundi/2021). Adrian Brendel é professor de Violoncelo e de Música de Câmara na Guildhall School of Music and Drama e na Royal Academy of Music, em Londres.



Camané © DR



Maria João © João Farinha



Giovanni Sollima © DR



Amaro Freitas © Micael Hocherman



Tirzah © DR



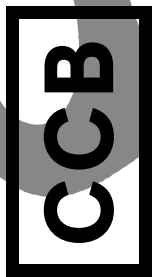
Kremerata Baltica © Angie Kremer



Stephan Crasneanski, Simone Merli © Vanina Sorrenti / Patti Smith © Jesse Paris Smith

belém soundcheck

UM FESTIVAL DE TODAS AS MÚSICAS



21 A 24 MARÇO 2024

21 20H00 **CAMANÉ** *Inquietação*
22H00 **MARIA JOÃO** *Songs for Shakespeare*

22 20H00 **IL GIARDINO ARMONICO
COM GIOVANNI SOLLIMA**
22H00 **AMARO FREITAS**

23 19H00 **SOUNDWALK COLLECTIVE
COM PATTI SMITH** *Correções*
21H00 **TIRZAH** *trip9love...???*

ESGOTADO

24 17H00 **KREMERATA BALTICA
COM GIDON KREMER**

Coprodução Centro Cultural de Belém, Égide – Associação Portuguesa das Artes
Parceria EGEAC, Instituto Italiano de Cultura de Lisboa
Parceria Média RTP, Antena 1, Antena 2 e Antena 3



ANTENA



ANTENA



ANTENA

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024



APOIO MEDIA



COFINANCIADO POR

